

Galeria Nara Roesler | New York is pleased to present a new chapter of the acclaimed exhibition *Tomie Ohtake: At Her Fingertips*, curated by Instituto Tomie Ohtake Chief Curator Paulo Miyada. Organized by Miyada especially for the New York gallery and including paintings, studies, engravings and photographs, this concise exhibition draws on the rich body of work created by Ohtake in the 1960s and 70s, as well as the artist's own rarely-seen documentation of her process. The exhibition shares its theme with presentations of *Tomie Ohtake: At Her Fingertips* at Galeria Nara Roesler | São Paulo (August – September 2017) and Galeria Nara Roesler | Rio de Janeiro (February – March 2018), offering a unique focus on the development of the artist's compositions from cut magazine collages to oil on canvas.

Tomie Ohtake is a monumental figure in the history of Brazilian abstraction. Her dedicated exploration of the formal, temporal, and spiritual aspects of color, shape, and gesture resulted in an extraordinary body of work spanning six decades. Born in 1913, she had a traditional upbringing in Kyoto and traveled to Brazil in 1936 to visit one of her brothers, who had been part of a large wave of Japanese immigration to the country. Unable to return to Japan because of the Second World War, Ohtake said that two factors were fundamental in her decision to settle permanently in Brazil: she was immediately enchanted by the country's unique tropical luminosity, and she realized that in Brazil she would have the opportunity to be an artist with creative freedoms she would be denied as a woman in Japan.

A Galeria Nara Roesler | New York apresenta um novo capítulo da exposição *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*. Com curadoria de Paulo Miyada, curador-chefe do Instituto Tomie Ohtake, a exposição pensada especialmente para o espaço da Galeria em Nova York, se baseia em pinturas, estudos, gravuras e fotografias, bem como na própria documentação do artista sobre o seu processo que delineiam a trajetória de Ohtake nos anos 60 e 70, bem como a documentação da própria artista sobre seu processo. A exposição é um desdobramento das exposições *Tomie Ohtake: na ponta dos dedos* apresentadas na Galeria Nara Roesler | São Paulo (agosto a setembro de 2017) e na Galeria Nara Roesler | Rio de Janeiro (fevereiro a março de 2018), oferecendo um enfoque único no desenvolvimento das composições da artista, desde colagens de revistas a pinturas a óleo sobre tela.

Tomie Ohtake é uma figura fundamental na história da abstração brasileira. Sua exploração dedicada dos aspectos formais, temporais e espirituais da cor, forma e gestos resultou em um corpo extraordinário de trabalho abrangendo seis décadas. Nascida em 1913, ela teve uma educação tradicional em Kyoto e viajou para o Brasil em 1936 para visitar um de seus irmãos, que fizeram parte de uma grande onda de imigração japonesa para o país. Impossibilitada de voltar ao Japão devido à Segunda Guerra Mundial, Ohtake destacou que dois fatores foram fundamentais em sua decisão de se estabelecer permanentemente no Brasil: a luminosidade tropical única do país que a encantou imediatamente e o fato de perceber que no Brasil teria a oportunidade de ser uma artista com liberdades criativas, que as seriam negadas como mulher no Japão.











Untitled/Sem título, 1972 lithograph/litogravura 19.7 x 19.7 in/50 x 50 cm

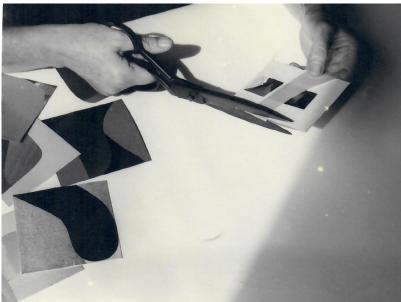
Untitled/Sem título, 1972 lithograph/litogravura 19.7 x 19.7 in/50 x 50 cm

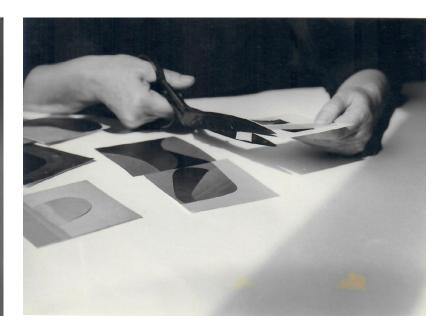


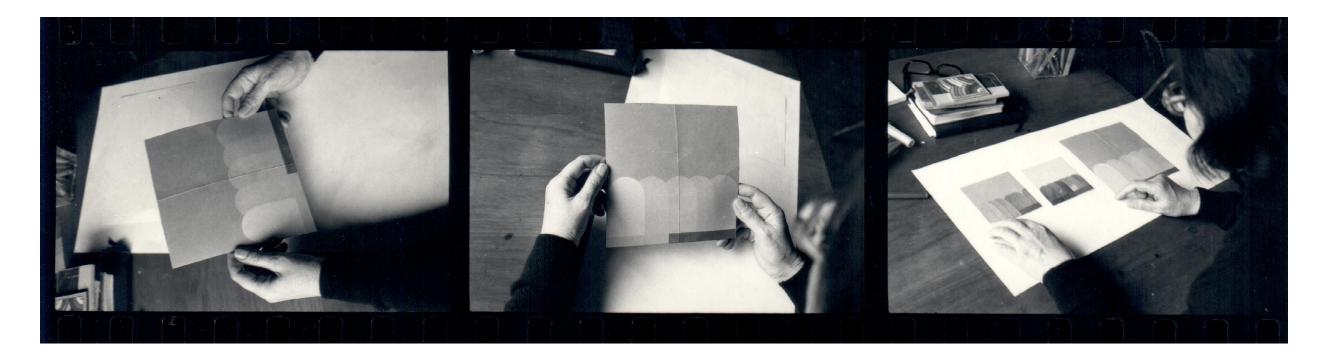
















Tomie Ohtake receives Queen Elizabeth II at the opening of MASP on Paulista Avenue, with her painting <u>Composition in Yellow (1966)</u> in the background, 1968 - Museu de Arte de São Paulo Assis Chauteaubriand's Research Center Archives/Tomie Ohtake recebe a Rainha Elizabeth da Inglaterra na inauguração do MASP na Avenida Paulista, com sua pintura Composição em Amarelo (1966) ao fundo, 1968 - Acervo do Centro de Pesquisa do Museu de Arte de São Paulo Assis Chauteaubriand

Tomie Ohtake: Color at her fingertips

Paulo Miyada

In the 1950s and 1960s, Tomie Ohtake's first venture into abstract painting were her "blind paintings", works infused with an intense, spontaneous, and informal quality, which often relied on brushstrokes made, literally, with her eyes shut.

Soon after, in the first half of 1960s, Ohtake's paintings condensed into clearer shapes, as the artist began to favor compositions where figure and ground are clearly distinct. These figures resemble simple geometric shapes, but their edges are textured, as if they were torn by her fingertips. Few people are aware that this is not a mere illusion: at that point in time, the artist began to produce studies using color paper from magazines which were hand-torn. The process was Ohtake's way of dealing with the instantaneity of gesture and infusing the entire painting process with chance and control.

Tomie Ohtake relied on these small-scale studies consistently and recurrently through the mid-1980s. These compositions worked as "scripts" for paintings and engravings that experimented with different scales and color combinations. The clipboard that held her paper cutouts was like a mining site for color and form.

In the 1970s, as her paintings began to depict clear-cut forms, her studies also changed, and the artist began to use scissors to cut paper. The compositions grew more dense, white ground (the blank sheet) is encroached by areas of color, occasionally suggestive of landscape. Surprisingly, the texture in the paintings often emerge from the collage itself, appropriated from assorted printed materials. The color palette also expands, engaging chromaticism during a period that flirted with psychedelia.

With a focus on Tomie Ohtake's process, the viewer becomes aware of the ties that her paintings have with chance, gesture, and chromatic boldness. This awareness is also an avenue to understand her work from a perspective other than one of opposition to concrete art.

Tomie Ohtake: As cores nas pontas dos dedos

Paulo Miyada

Na passagem das décadas de 1950 e 1960, a primeira incursão de Tomie Ohtake na pintura abstrata tornou-se conhecida pelo caráter "cego" de um informalismo feito com intensidade e sem premeditação, muitas vezes com pinceladas lançadas, literalmente, de olhos fechados.

Logo a seguir, ainda na primeira metade dos anos 1969, sua pintura condensou-se em formas mais claras, em composições de nítida distinção de figura e fundo. As figuras, no caso, assemelham-se a formas geométricas simples, porém de contornos tremeluzentes, como se rasgadas com a ponta dos dedos. O que pouca gente sabe é que isso não é mera similitude: nessa época a artista de fato começou a fazer estudos usando papéis coloridos retirados de revistas e rasgados à mão. Era uma forma de lidar com a instantaneidade do gesto e impregnar todo o processo de pintura com seu equilíbrio entre acaso e controle.

Os diminutos estudos de Tomie Ohtake são um recurso consistente e recorrente até meados da década de 1980. As composições encontradas serviam de roteiro para pinturas e gravuras que experimentavam diferentes escalas e combinações cromáticas. É como se a prancheta com papéis recortados fosse uma zona de mineração de formas e encontros de cores.

Na década de 1970, quando as pinturas começaram a lidar com formas de contornos mais nítidos, os estudos também se transformaram, pois a artista passou a utilizar a tesoura para cortar os papéis. As composições ficaram mais densas, o branco (a folha em branco) foi tomado por áreas de cor, as vezes sugerindo paisagens. As texturas da pintura, surpreendentemente, muitas vezes nascem na própria colagem, apropriadas de materiais fotográficos diversos. A paleta cromática também se expande, num corpo a corpo com o cromatismo de uma época que flertava com a psicodelia.

Prestar atenção nessa processualidade de Tomie Ohtake é ganhar acesso aos vínculos de sua pintura com o acaso, a gestualidade e a ousadia cromática. É também um caminho para pensá-la em uma chave distinta da polarização com os concretismos. É, por fim, um modo de lembrar o quão viva sua obra pode ser, quando vista por novas lentes.



Tomie Ohtake was born in Kyoto, Japan in 1913 and lived in São Paulo, Brazil from 1936 until her death in early 2015. She began to work professionally as an artist only in her late 30s, immersing herself in an exploration of abstraction first in paint, and expanding into printmaking and sculpture in later years. Throughout her long and prolific career, she was the subject of numerous solo exhibitions, including several at Museu de Arte Moderna de São Paulo since her first in 1957; major exhibitions at the Hara Museum of Contemporary Art, Tokyo; Mori Art Museum, Tokyo; Barbican Centre, London; The Museum of Modern Art, Rio de Janeiro; and a retrospective at the Instituto Tomie Ohtake in São Paulo on the occasion of her 100th birthday, among many others. She has participated in numerous international biennial exhibitions, including Venice, Havana, Cuenca and eight editions of the São Paulo Bienal. Since the 1980s, Ohtake has produced several major public sculptures for cities and towns across Brazil, including iconic works throughout her hometown of São Paulo. In 2001, Instituto Tomie Ohtake opened its doors in São Paulo with a program dedicated to important exhibitions of contemporary art, architecture and design, and to preserving the artist's legacy. Tomie Ohtake's work is represented in permanent collections worldwide, including the Hara Museum of Contemporary Art, Tokyo; M+, Hong Kong; Metropolitan Museum of Art, New York; MASP, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo; MAM-SP, Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; MAM-RJ, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; MAC-USP, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; MAC-Niterói, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói; Patricia Phelps de Cisneros Collection, Caracas; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; and Tate Gallery, London. Tomie Ohtake has been represented by Galeria Nara Roesler since its inception.

Paulo Miyada was born in São Paulo in 1985. He received his masters from the University of São Paulo's College of Architecture and Urbanism. Miyada is Chief Curator at Instituto Tomie Ohtake where he oversees the Curatorial and Research department. Exhibitions curated by Miyada at Instituto Tomie Ohtake include, Cecily Brown – If Paradise Were Half as Nice (2018), Aprendendo com Dorival Caymmi: Civilização Praieira and Leda Catunda – I love you baby (2016). He has collaborated on many other exhibitions at Instituto, among them Os Muitos e o Um (2016), Tomie Ohtake 100-101 (2015), Nelson Felix: Verso (2013), and the Arte Atual program (since 2013). In addition, he co-coordinates the course program at Escola Entrópica, where he teaches. Miyada was an assistant curator of the 29th São Paulo Bienal (2010) and was a member of the curatorial team for Itaú Cultural's Rumos Artes Visuais program (2011-2013), and the program's 2014 retrospective exhibition. He has curated group exhibitions including A parte que não te pertence, Wiesbaden (Kunsthaus Wiesbaden, 2014), É preciso confrontar as imagens vagas com os gestos claros, and Em direto (Oficina Cultural Oswald de Andrade, 2011 and 2012). Miyada was also co-curator of the 34th Panorama da Arte Brasileira Da pedra, da terra, daqui (São Paulo Museum of Modern Art, 2015) and chiefcurator for the project Estou cá (Sesc Belenzinho, 2016).

Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão em 1913 e viveu em São Paulo, Brasil, de 1936 até a sua morte no início de 2015. Começou a trabalhar profissionalmente como artista aos 37 anos, mergulhando em uma exploração da abstração primeiramente na pintura e expandindo mais tarde, para gravura e escultura. Desde sua primeira individual em 1957, foi tema de inúmeras exposições em importantes instituições como o Museu de Arte Moderna de São Paulo; o Museu de Arte Contemporânea de Hara, Tóquio; Museu de Arte de Mori, Tóquio; Barbican Centre, Londres; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; além de uma grande uma retrospectiva no Instituto Tomie Ohtake em São Paulo, por ocasião de seu centésimo aniversário. Participou de inúmeras bienais internacionais, incluindo a Bienal de Veneza, Havana, Cuenca e oito edições da Bienal de São Paulo. Desde a década de 1980, Ohtake produziu inúmeras esculturas públicas para cidades em todo o Brasil, incluindo obras icônicas em toda a cidade de São Paulo. Em 2001, o Instituto que leva seu nome abriu as portas em São Paulo com um programa dedicado a importantes exposições de arte contemporânea, arquitetura e design, além de preservar o legado do artista. O trabalho de Tomie Ohtake integra coleções permanentes em todo o mundo, incluindo a do Museu de Arte Contemporânea de Hara, em Tóquio; M +, Hong Kong; Metropolitan Museum of Art, em Nova York; MASP, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo; MAM-SP, Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; MAM-RJ, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; MAC-USP, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; MAC-Niterói, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói; Coleção Patricia Phelps de Cisneros, Caracas; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; e Tate Gallery, em Londres. Tomie Ohtake é representado pela Galeria Nara Roesler desde a sua criação.

Paulo Miyada (São Paulo, 1985) é curador e pesquisador de arte contemporânea. Possui mestrado em História da Arquitetura e Urbanismo pela FAU - USP, pela qual também é graduado. É curador do Instituto Tomie Ohtake, onde coordena o Núcleo de Pesquisa e Curadoria e curou mostras como "Cecily Brown – If Paradise Were Half as Nice" (2018), "Aprendendo com Dorival Caymmi: Civilização Praieira" e "Leda Catunda - I love you baby" (2016). Também no Instituto Tomie Ohtake colaborou com diversas exposições, entre elas "Os muitos e o um" (2016), "Tomie Ohtake 100-101" (2015), "Nelson Felix: Verso" (2013) e o programa "Arte Atual" (desde 2013), além de co-coordenar o programa de cursos da Escola Entrópica, em que é professor. Foi assistente de curadoria da 29a Bienal de São Paulo (2010) e integrou a equipe curatorial do Rumos Artes Visuais do Itaú Cultural (2011-2013) e da edição retrospectiva desse programa realizada em 2014. Foi curador das mostras coletivas "Toda janela é um projétil, é um projeto, é uma paisagem" (SIM Galeria, 2016), "A parte que não te pertence, Wiesbaden" (Kunsthaus Wiesbaden, 2014), "A parte que não te pertence, Madri" (Galeria Maisterravalbuena, 2014), "Boletim" (Galeria Millan, 2013), "É preciso confrontar as imagens vagas com os gestos claros" e "Em direto" (Oficina Cultural Oswald de Andrade, 2011 e 2012), entre outras. Foi curador adjunto do 340 Panorama da Arte Brasileira "Da pedra, da terra, daqui" (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2015) e curador geral do projeto "Estou cá" (Sesc Belenzinho, 2016).

tomie	ohtake		
		at	her fingertips
galeria	nara	roesler	

opening/abertura november 1st, 2018 | 6pm - 8pm o1 de novembro, 2018 | 18h - 20h

exhibition/exibição november 2nd - december 22, 2018 o2 de novembro - 22 de dezembro, 2018 tue-sat > 10h - 18h ter-sáb > 10am - 7pm

galeria nara roesler | new york 22 east 69th street 3r new york ny 10021 usa

info@nararoesler.art www.nararoesler.art

tomie ohtake is represented by/é representada pela galeria nara roesler